

PEDRO NAVA E A SUA CRIAÇÃO

Eliane Vasconcellos



Resumo

Apresentação do arquivo pessoal de Pedro Nava dando destaque a algumas cartas recebidas e a seu processo de criação.

Palavras-chave: arquivos pessoais, Pedro Nava, processo de criação, correspondência.

*Somos os arquivistas da família
Pedro Nava*

Arquivamos nossas vidas para atendermos a uma exigência social. Este fato, argumenta Philippe Artières, em artigo publicado na revista *Estudos Históricos*, nos obriga a organizar a vida, lançando mão de práticas múltiplas, sempre o preto no branco, sem pular páginas nem deixar lacunas e, sobretudo, sem fazer concessões a mentiras. E vai ainda mais fundo: “anormal é o sem-papéis”, pois constantemente reunimos e preservamos nossos documentos ou colecionamos objetos e pequenas coisas que nos remetem a momentos vividos, a fim de não apenas satisfazermos à curiosidade natural de nos conhecermos melhor, mas também lograrmos retardar, na luta contra o tempo, a anulação da nossa individualidade. É que arquivar a própria vida “é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e, nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.” (ARTIÈRES, 1998, p.10 e 11.)

Pedro Nava era movido por crenças idênticas, uma vez que, ao contrário de Sartre, que não atribuía nenhum valor literário a seus manuscritos, considerava não só o que produzia, mas ainda qualquer documento ou correspondência que pudesse conservar como parte integrante da sua história e da sua obra. Durante toda a vida preocupou-se em guardar papéis e o declarava sempre, como o fez em entrevista a Wilson Figueiredo publicada no *Jornal do Brasil* de 11 de fevereiro de 1979. Lembra-se de que, em certa ocasião, ainda criança, observou que um parente seu gastara

o dia distribuindo objetos, jogando fora roupas velhas, suas fardas da Briosa, suas espadas ferrugentas, as do pai visconde — do Paraguai, da Corte. Chegou a vez dos retratos de família e da papelada do Halfeld. Passava com maços tirados de suas gavetas, atravessava sala de jantar, copa, cozinha e despejava tudo nas latas usadas de querosene que nos serviam de lixeiras. Aquela liquidação apertou meu coração. Ousei pedir. Se ele não quisesse mais, eu guardava aqueles documentos e retratos. Querer não quero, a prova é que estou jogando fora. Agora, se você se interessa por esse restolho todo, fique com ele. Só que não quero mais ver essa porcaria na minha frente. E que lhe aproveite. Aproveitaram. Sem esse arquivo eu não teria podido completar a história da minha família materna e seria impossível o *Baú de Ossos*.

O material do memorialista foi entregue, inicialmente de forma esparsa, por ele próprio ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Até recentemente era comum o artista ocultar o mecanismo do seu labor, a sua planta-baixa, deixando vir à tona, à luz da expressão, apenas a obra já realizada. Entretanto, quando se tem acesso ao arquivo de Pedro Nava, principalmente à sua produção intelectual, pode-se depreender com facilidade o seu modo de criar: um processo de escritura que é absolutamente *sui generis*. Desta forma, a conservação dos documentos do memorialista permite ao pesquisador conhecer

facetadas de sua obra que ficariam completamente ignoradas, caso esse material se tivesse perdido.

Quanto ao acesso e à utilização dos dados do arquivo, cabe aos herdeiros autorizá-los, porque a legislação dá plenos poderes ao detentor dos direitos autorais.

No que diz respeito à correspondência literária, onde o processo de criação é enfatizado, merece relevo a carta de Marques Rebelo, datada de 12 de março de 1973, na qual chama atenção de Pedro Nava quanto a algumas passagens de *Baú de Ossos*:

O episódio extraordinariamente bem escrito da jibóia merece reparo. Você confunde os procedimentos de jibóia e sucuri. E mesmo uma sucuri não tem poder para atacar um touro naquelas condições. É coisa um pouco de credence popular. Não sei se vale a pena alterar uma página tão bem escrita, mas não verdadeiramente científica.

Jaquitiranabóia – nas páginas extraordinárias do engenheiro Halfeld é dada como praga que o perseguiu no São Francisco. Na verdade é inseto absolutamente inofensivo. O seu monstruoso aspecto é que criou a crença popular. Qualquer enciclopédia dá — exemplo: a *Enciclopédia Mérito*. Acredito que pudesse ser substituído por barbeiro, bicho que já devia ter alcançado, naquele tempo, a zona do São Francisco.

Mais adiante, na mesma carta, refere-se ao uso da palavra *vagalume*:

Vaga-lume – não era o apelido que se atribuía aos acendedores de lampião no Rio de Janeiro, no qual sou formado. *Vaga-lume* é o lanterninha de cinema. Os acendedores de lampião eram chamados de *profeta*. O dicionário do Aurélio, muito bom em carioquismos, registra os dois verbetes.

Nesta mesma linha é a carta de Rubem Braga, em que atentamente aponta erros tipográficos e sugere algumas modificações: “Acho que a leitura do livro seria melhor se uma boa parte das notas genealógicas ficasse para fim de capítulo, ou fim de livro”. Na missiva de Antônio Houaiss, de 18 de junho de 1980, o lexicógrafo transcreve o significado da expressão *galo-das-trevas*, que aparece nos dicionários de Moraes Silva e Caldas Aulete, não chega a uma conclusão sobre a divergência existente nos termos apresentados pelos dois dicionaristas, concluindo que “vai continuar a pesquisa por prazer próprio”.

Em carta ao amigo Paulo Mendes de Almeida, o titular do arquivo solicita remessa de dados genealógicos da família Almeida. Ainda nesta linha de pesquisa, Denise Pessoa descreve D. Geraldina de Resende Jaguaribe: “Quase alta, é morena e pálida, de olhos castanhos e expressivos, pés pequenos, cintura fina, às vezes tão fina que parece ir quebrar-se”.

Outras cartas, em número elevado, são aquelas por meio das quais o memorialista envia um questionário, ora dirigido ao próprio destinatário, ora a representantes da respectiva família. As perguntas

eram do tipo: nome completo, filiação, data de nascimento, escolaridade, dados civis (casamento), local de moradia, publicações; constava também uma relação de nomes de pessoas para que o questionado dissesse quando os conheceu. De posse das respostas, PN as utilizava na elaboração de suas memórias, completando-lhes o retrato com suas pesquisas. Salientamos os questionários de Austen Amaro, Celso Passos (sobre seu pai, Gabriel de Resende Passos, advogado que estudou no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte); do médico Ézio de Azevedo Fundão; de Dario de Almeida Magalhães e o de Alphonsus de Guimaraens Filho (este forneceu-lhe os dados sobre Ascânio Lopes). As respostas a esses questionários também podem ser encontradas nos anexos de suas memórias; em *Beira-Mar*, temos os dados biográficos de Alberto Campos, Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos, Francisco Martins de Almeida, João Alphonsus de Guimaraens, João Guimarães Alves, João Pinheiro da Silva Filho e Mário Campos.

Em contrapartida, Nava responde a alguns questionários, informando sobre fatos que presenciara e sobre contemporâneos seus, como se pode ler na carta para Antônio Gontijo de Carvalho:

Para mostrar a você que li o mesmo com todo interesse, quero dar uma informação. Veja sua página 57: "A aludida casa de Davi Campista em Belo Horizonte..." etc. Esse prédio, que ficava à Avenida João Pinheiro, foi recentemente demolido. Nele funcionou primeiro, o Centro de Saúde de Belo Horizonte e depois, a Associação Médica de Minas Gerais.

Outro tipo de observação encontrada nas cartas é aquele em que os signatários se confessam tocados pelas descrições navianas. Olímpio Moreira Neto assim se manifesta:

A casa citada da Rua Rio Grande do Norte, cujo número é 1.037, ainda existe e lá morei com meus tios Chiquinho e Judite, até o falecimento do mesmo em 1953, quando a casa foi vendida.

A saudade aumentou tanto com os dizeres sobre a mesma, que na semana passada decorridos 22 anos, fui revê-la, curtindo meus tempos de criança a adolescente.

A correspondência entre Pedro Nava e a Livraria José Olympio é bastante reveladora no que diz respeito à preocupação do autor com sua obra: informações sobre o número de tiragem de cada edição, divulgação no exterior, entre outras. Em carta de 14 de maio de 1973, o memorialista pede conselhos a José Olímpio sobre a possível tradução para o inglês de um de seus livros, que Alfred Knopf gostaria de publicar. A este respeito, em carta a José Tomás Nabuco, PN informa:

Tomei conhecimento da correspondência de seus amigos Alfred A. Knopf e Carleton Sprague-Smith. Ao último já conhecia de sua casa e fiquei encantado pela atenção que ele dedicou ao estudo de minhas memórias — dissecando osso por osso do meu baú e pela acuidade com que ele procedeu à análise do livro. Na sua carta pude perceber e tomar novo conhe-

cimento de muita coisa minha e compreender exatamente como e porque escrevi algumas delas. É uma gratificação ver nosso reflexo em espelho que nos dá de volta imagem viva e real do que somos e não daquilo que pensamos ser. A carta e a apreciação de Carleton Sprague-Smith é uma das alegrias e dos maiores orgulhos que meu livro já me proporcionou.

Concordo plenamente com a opinião de Alfred A. Knopf e creio que o livro só pode ser apresentado ao leitor norte-americano, atendendo ao que pode interessá-lo sobre seus vizinhos latino-americanos. Sendo assim, meu volume deve passar por cortes e pelas reduções propostos. Não há dúvida quanto a isto. Mas quem poderá fazer esse trabalho?

Mais informações sobre este assunto podem ser encontradas na carta de Sérgio Correia da Costa, de 15 de fevereiro de 1978, na qual Pedro Nava narra todas as etapas para se chegar à viabilização da tradução das memórias que começaria por *Baú de Ossos*. Em outras cartas, no dossiê de Sérgio Correia da Costa, Pedro Nava expõe as soluções para adaptação da obra para o inglês. Mais considerações a respeito da tradução destas obras podem ser encontradas na série Correspondência de Terceiros, no dossiê de José Tomás Nabuco.

Na carta de 11 de fevereiro de 1976, a Editora José Olympio relaciona várias correções a serem feitas em um de seus livros, e na própria carta o autor as explica. Em 2 de junho de 1976, faz várias sugestões de modificação aos originais de *Chão de Ferro*. Ainda na correspondência com a editora ficamos sabendo que *Chão de Ferro* teve, entre junho e setembro de 1976, duas tiragens de 5.000 exemplares e que a 5ª edição de *Baú de Ossos* teve uma tiragem de 4.000 exemplares. Anexo a um bilhete da editora há o parecer do Conselho Editorial assinado por Péricles Madureira de Pinho para a publicação de *Beira-Mar*: "Ele não conta simplesmente a sua vida, recria os ambientes, faz história no mais amplo e elevado sentido. História social, história doméstica, genealogia, de como se vivia e como se mudou de vida — Pedro Nava é um criador de conteúdo e de forma".

Em outra carta, o titular refere-se a suas memórias como "livro-filho" e autoriza a correção de vírgulas erradas, mas solicita que não as coloquem a esmo, "pois eu costumo, quando quero dar velocidade ao período — suprimir a pontuação". Mostra também sua preocupação quanto à diagramação dos seus livros. Em 11 de janeiro de 1983, fala da intenção da Nova Fronteira de publicar em papel-bíblia suas memórias e de sua decisão de aceitar a proposta, à medida que se forem esgotando os estoques existentes na José Olympio ou mediante acordo a ser estabelecido. Nesta ocasião somente *Chão de Ferro* estava com o contrato vencido. O memorialista esclarece que essa mudança de editora é para benefício de seus livros e que não houve nenhum motivo pessoal para seu afastamento da José Olympio. Entretanto, no dossiê da Nova Fronteira não há nenhuma carta referente à ida de Nava para esta editora, mas há um contrato de edição, na série Documentos Pessoais.

Sobre *Território de Epidauro*, Carlos Drummond de Andrade, em 1947, comenta:

Tive uma grande alegria com o seu *Território de Epidauro*. Nunca me conformei com o fato de você continuar sem o nome na capa de um livro. Uma geração é vaidosa de si mesmo, e sentir você tão bem dotado e ao mesmo tempo tão esquivo era o mesmo que sentir fraudado aquele nosso grupo da década de 20. Você, muito manhosamente, se refugiava num bissexismo cômodo, mas essa solução não me satisfazia, nem de resto à comunidade de seus amigos. Por isso mesmo, este *Território*, tão inteligente, tão rico de perspectivas para o leigo, a quem você desvenda aspectos pitorescos, poéticos e humanos da medicina – é uma espécie de pagamento de dívida. O livro saiu digno de você, cheio de ilustração sem pedantismo, e vazado numa forma literária gostosíssima. Agora você fica intimado a nos dar outros.

Abgar Renault depois da leitura de *Beira-Mar*, escreve:

é livro tão belo, rico e alto como os três primeiros e bastaria, por si, a consagrar você como o mais poderoso prosador que já se dedicou ao gênero memórias em nossa língua, pela extraordinária força do estilo, pelo faiscar da superfície verbal, pelos achados insólitos de expressão, pela capacidade de ressuscitar pessoas, lugares, fatos e cousas, pelo poderio arquitetônico da construção em conjunto, pela profundidade (darei carnal? creio que sim) pela profundidade carnal das raízes poéticas.

No arquivo de Abgar Renault, temos sete cartas de Pedro Nava; na de 27 de outubro de 1976, Nava pede resposta aos “quesitos inclusos [...]”. Preciso dessas informações para o meu 4º volume — em que relatarei nossa deliciosa convivência nos anos 20”. Tais quesitos correspondem ao questionário a que nos referimos anteriormente. O amigo só vai responder quatro meses depois, em 1º de março de 1977.

Outro mineiro e memorialista presente é Ciro dos Anjos: são seis cartas, de 20 de novembro de 1969 a 28 de fevereiro de 1984. Em 9 de janeiro de 1973, assim fala de *Baú de Ossos*:

é o MAIOR! Chocado na moita, com discrição ultramineira, esse livro estoura, de repente, como uma das mais ricas e altas criações da nossa literatura [...]. Além de fascinado, sinto-me sucumbido: tive ímpetos de rasgar os vinte capítulos, já prontos, do segundo volume de minhas memórias. Como escrever memórias depois de Nava? Essa espantosa riqueza do vivido ou imaginado, a opulência léxica, a admirável modulação da prosa, que lhe permite exprimir, com o tom adequado, aqui, o lírico, ali, o jocoso ou tragicômico (a ceia de D. Irifila) ou o horripilante (o castigo do cometa português)...

No arquivo de Ciro dos Anjos, encontramos a resposta de Pedro Nava a esta carta:

É que as coisas que você diz são destas que agradam ao pêlo do velho animal que se julgava vacinado contra a vaidade mas que verifica (gostosamente!) que sua doença ainda está em

evolução. Grato, gratíssimo pelas suas palavras — só que sobre o que você diz de suas próprias memórias tenho de redargüir com Plauto e num latinzinho de mineiro: *Non sum dignus prae te ut figam palum in parietem*.

Quanto aos manuscritos de Nava, gostaríamos de ressaltar no gênero Conto "O Astro e o Poço", de 1949, manuscrito e datilografado, com sete folhas. Segundo o próprio Nava, trata-se de um romance que ficou apenas nas primeiras páginas. São impressões sobre a burocracia e as experiências de sua vida funcional. Foi publicado mais tarde como anexo de *Beira-Mar*, com o nome de "Sete Palmos de Terra Translúcida". PN, em entrevista a revista *Status*, em janeiro 1977 declara:

Eu fui um pequeno funcionário lá para poder estudar, e guardei uma impressão muito profunda dessa vida burocrática, das injustiças, daquela bajulação, daquele ambiente de rotina. Foi uma coisa que sempre me revoltou profundamente. Eu tinha começado a escrever o que seria uma obra satírica, mas eu vou transferir esse material do romance, que é inteiramente falhado, fracassado, para as memórias.

Nava nos informa ainda que escreveu outros contos, mas foram incinerados por sua mãe, que os censurara por serem eróticos.

Completamente absorvido por sua vida profissional, deixou de lado sua produção literária e passou a se dedicar exclusivamente a redigir trabalhos sobre sua especialidade médica, tendo acumulado uma obra bastante vasta, com mais de 300 textos publicados.

Sabemos também que, certa vez, na casa de Plínio Doyle, Drummond lhe entregou um envelope grande e disse: "Não sei se você gostaria de ter essa obrinha." Era um dos seus contos publicado na *Ilustração Brasileira*, em 1923.

Encontramos, também, na produção de Pedro Nava, menção a um diário da época da ditadura Vargas. Por causa de sua participação no episódio que ficou conhecido como *Manifesto dos Mineiros*, o autor deu os manuscritos a um amigo que, posteriormente, talvez por pânico, os jogou fora. No diário, Nava consignou tudo que se passara aqui durante a ditadura, tudo de que ele teve notícia, principalmente durante o repressivo período policial sob a chefia de Filinto Müller. Infelizmente, no arquivo de Pedro Nava não há a mínima alusão a esse diário. Da mesma forma, nada resta de um outro que PN teria escrito em Juiz de Fora e, depois, destruído, porque a dona da pensão onde morava insistia em lê-lo na sua ausência.

Suas *Memórias* são, sem dúvida, a parte mais importante do arquivo de Pedro Nava, porque nos permite entender seu processo de criação. Segundo ele:

Tudo começou quando Drummond fez cinquenta anos, e me pediram para escrever alguma coisa. E eu escrevi uma coisa chamada "Evocação da Rua da Bahia". E essa Evocação foi sendo transcrita em vários jornais, e caiu mais ou menos no conhecimento de todo mundo. Fernando Sabino e Oto Lara

Resende, que gostaram muito, viviam me repetindo: "Você tem que escrever suas memórias, tem que contar aquelas histórias de Belo Horizonte..." E eu fiquei tentado em contar nossa vida estudantil de Belo Horizonte. Mas achei um contra-senso só contar isso. Então, resolvi começar do princípio.

Quando me julguei mais ou menos livre para dizer certas coisas, com a morte de diversos parentes, fiquei liberado de uma série de considerações, então, comecei a contar muita coisa que ouvi.

Nava escreve sempre à máquina em papel sem pauta (44,4 x 33,0cm), dobrado em dois. Utiliza somente uma página para o texto; na outra, faz correções à mão, descrições de tipos, desenhos, muitas caricaturas e colagens de recortes. Usa, com frequência, plantas de cidades e de casas, além do mais variado material de apoio necessário à sua criação. Na folha trinta e cinco do datiloscrito de *Chão de Ferro*, na página em branco, ao lado do texto, encontra-se, colado, um pedaço de papel manuscrito, com a seguinte observação: "Mostro aqui um pequeno fragmento do que eram nossas colas em formato de sanfona. A letra que estou pondo aqui e os claros entre as linhas são enormes comparados às miniaturas que conseguíamos com nossos olhos de lince de meninos de 13 a 17 anos."

Seus originais estão repletos de desenhos: nos de *Baú de Ossos*, folhas 242 e 300, há mapas de ruas; nos de *Balão Cativo*, na de n. 70, há a cabeça de Pedro Álvares Cabral em formato de mapa do Brasil; na de n.339, após o desenho, fez uma descrição minuciosa da chácara da Rua Direita, 179, com observações do tipo: "barraco da Lúcia", "Em verde: futura casa do Bicanca e em pontilhado verde o pedaço da chácara que lhe coube", "riacho", "cemitério dos micos"; na de n. 392, desenho de uma cabine de trem, no qual se lê: "o veludo do tapete central passadeira imunda", "quando se queria água para as mãos não era abrindo torneira mas tocando a bomba de cobre." Em *Chão de Ferro*, folhas 6, 13 e 20, encontramos caricaturas de Álvaro Moreira, Badaró e Bené (o professor de desenho Benedito Raimundo da Silva); na 31, há uma representação do jogo infantil amarelinha. *Beira-Mar* é o único original em que não há desenhos, mas colagens e uma xilogravura de Luís Ventura; em *Galo-das-Trevas*, salientamos os desenhos das folhas 165 e 180; e em *Cera das Almas*, limitou-se apenas a trabalhos de colagem.

Os desenhos eram muito importantes para Nava, porque lhe facilitavam enormemente a associação de idéias; funcionavam como um instrumento da lembrança. Se queria falar de uma residência onde morou, reconstituía-lhe a planta, desenhava-lhe cuidadosamente portas, janelas, móveis e quadros, depois, ao lado, comentava os pormenores do ambiente, usando o lápis de cor.

Percorrendo, ainda, o manuscrito de *Baú de Ossos*, podemos ler observação de Nava, na folha n. 201: "Um mês sem tocar nas Memórias e preparando dois trabalhos médicos. A 29 de dezembro 1969 morte

da tia Bibi que completara 90 anos a 25. Foi a última da família de meu Pai. Hoje sou o mais velho... O tempo urge", e, na de n. 317 "Aqui ficou o fim de *Baú de Ossos* por sugestão (boa) do Chico Barbosa e do Sabino. O resto foi para o 2º volume".

Todos os originais de Pedro Nava vieram acompanhados de anexos, que são as pesquisas realizadas por ele, a fim de que pudesse escrever suas obras. A única exceção foi *Baú de Ossos*. Tais anexos são compostos por "suportes móveis onde se inscrevem notas rápidas, mas destinadas agora a uma obra já em andamento ou pelo menos a um projeto de escrita". São, em última instância, um conjunto de notas, a que PN dava o nome de boneco. Seu sistema de armazenamento consistia no seguinte: anotava tudo o que lhe ocorria de interessante; fazia observações diretas sobre os fatos; registrava fontes históricas, testemunhos, curiosidades; guardava documentos, recortes de jornais, fotos, desenhos. As folhas do seu caderno acabavam se transformando em fichas que iam recebendo, cada uma, um número. Depois disso, Nava as colocava em ordem, formando, assim, um esqueleto da obra. Depois de usada, a ficha era jogada fora. Mais tarde, porém, a conselho de Carlos Drummond de Andrade, passou a guardá-las. Hoje elas se encontram numeradas e arquivadas numa pasta especial. É um material sem muitas rasuras, correções ou substituições; não possui outra versão e nem foi feito para ser publicado. Atualmente, entretanto, com o advento da crítica genética, adquiriu um novo *status*, tornou-se parte indispensável da totalidade dos manuscritos. O mesmo se aplica ao caderno de anotações e ao caderno de viagens que podem ser encontrados na subsérie Nota e na série Diversos.

O material de *Chão de Ferro* é acompanhado de observações de Pedro Nava:

Fichas 301 a 600 usadas na elaboração de *Chão de Ferro* da sua página datilografada 142 até a 211. Se alguém vir essas fichas compreenderá minha minúcia, e o trabalho que eu tenho de transformar esse *minério* no *metal* que é o boneco de cada capítulo e que serve para chegar ao *módulo* para mim nunca perfeito dos meus originais. Rio, 13 de fevereiro de 1975[...]. Com a ficha 948 terminei o texto do meu *Chão de Ferro*. Rio, 17.10. 75.

Nos anexos de *Chão de Ferro*, chama-nos a atenção o desenho de sua "quase noiva", que se suicidou por padecer de doença incurável no leito de morte. Traz a seguinte observação: "assim a vi a 2.XI.1918 / NOIVA".

Em *Beira-Mar*, entre outros anexos, há a árvore genealógica da família de Hugo Werneck, a planta baixa do Colégio Pedro II, caricaturas de alguns personagens retratados em seu livro, entre elas as de Abgar Renault, Borges da Costa, Marcelo dos Santos Libânio. PN fez as seguintes observações: "as fichas de 1 a 300 usadas na elaboração de *Beira-Mar* até sua página datilografada n. 161. Glória, 24 de fevereiro de 1977".

Em *Galo-das-Trevas*, a nota 904 encerra a descrição de um sonho que é ilustrado por PN com uma árvore, ao lado da qual fez as seguintes observações: “galhos frondosos, tronco rugoso, folhagem densa, copa espessa, folhas miúdas, raízes pastadeiras”.

As fichas que serviram para compor *O Círio Perfeito* e *Cera das Almas* estão juntas e trazem a seguinte observação: “Até aqui ficha n. 1636 que marca o fim de meu *O Círio Perfeito* que chega ao fim deste meu 6º volume de memórias. As fichas depois de 1636 já pertencerão ao sétimo volume de memórias, *Cera das Almas*.” E prossegue: “Com *O Círio Perfeito* chego cronologicamente até fatos de 1933/1934. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1983”.

Entre suas Notas, destaca-se um caderno manuscrito, de capa dura, com a seguinte observação de PN: “As anotações deste livro, de 1-bis até a folha 37, serviram para *Balão Cativo* e *Chão de Ferro*. A partir da folha 38 é material de *Chão de Ferro* e da folha 39 vai servir, daí em diante, para o 4º volume. 1.2.78.” Recentemente, o Dr. Paulo Penido doou outros dois cadernos escolares com as mesmas características do anterior. Eles foram publicados pela Ateliê Editorial sob o título de *Cadernos 1 e 2*. Como nos mostra Louis Hay em *A Montante da Escrita*, este material, quase sempre bastante heterogêneo, tem “intelectualmente [a] função [de] assegurar a disponibilidade simultânea de seus elementos. O escritor tem o todo ‘na palma da mão’.” Hay faz ainda uma distinção entre cadernos, cadernetas e diários. Para ele o caderno fica sobre a mesa (a caderneta no bolso) e se presta para “oferecer à pena um espaço duplamente interior [...] é o lugar da escrita privada, do ‘livro secreto’.”

Assim, para Pedro Nava, o processo de criação vem acompanhado de um sentido visual muito forte que se inscreve na “folha do lado” dos seus originais e nas “bonecas” que acompanham seus escritos, elementos que se materializam em seus manuscritos.

Neste ano, em que se comemora o centenário de nascimento de Pedro Nava, fica uma apreciação de seus papéis, com o objetivo de aguçar a curiosidade do pesquisador.

Abstract

Introduction to Pedro Nava's personal literary archive. In proeminence, some received letters and his creating process.

Keywords: personal archive, Pedro Nava, creative process, correspondence.

